

GESTÃO DA COLEÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DAS BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS: A MULTIPLICIDADE DE SUPORTES E
FORMATOS E A DIVERSIDADE DE INTERESSES E EXPECTATIVAS DA
COMUNIDADE ACADÊMICA

Maria Alice Rebello do Nascimento

Coordenadora do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Rua Sérgio Buarque de Hollanda – 424

Cidade Universitária – Campinas – SP. Brasil – CEP. 13081-970

malice@obelix.unicamp.br

Resumo

O estudo pretende discutir a construção das coleções de periódicos científicos de bibliotecas universitárias brasileiras frente à imposição do paradigma da sociedade da informação. As rápidas mudanças que ocorrem atualmente nas áreas política, econômica, social e tecnológica têm tornado a biblioteca um ambiente de transformação permanente. A biblioteca convencional, organizada a partir de materiais impressos e, em busca da biblioteca virtual

incorpora em sua agenda a urgência da inclusão dos artefatos digitais. Essa revolução eletrônica implica numa nova postura gerencial, de leitura do espaço externo, que se consubstancia na análise e avaliação do mercado livreiro (editores, distribuidores); no entendimento não apenas dos mecanismos de organização dos acervos, mas particularmente nas necessidades de equipamentos tecnológicos (hardware, periféricos e software) e na compreensão do ambiente interno, composto por uma comunidade acadêmica distinta, em função da diversidade de características das diferentes áreas do conhecimento. É sabido que a comunidade acadêmica abarca uma complexidade de interesses e de estrutura de relações entre os conjuntos de grupos que coexistem no contexto universitário.

Por outro lado, em decorrência dos avanços das telecomunicações associadas ao crescimento da competição e à sofisticação do mercado editorial, que estabelece fusões, impondo o monopólio de vendas; que empacota e re-empacota seus produtos, tornam o trabalho do gestor da informação, a despeito das limitações econômicas, extremamente árduo. Descortinar esse cenário é uma ferramenta fundamental para ordenar a percepção sobre ambientes prováveis e desejados para o futuro.

Palavras-chave

Periódicos Científicos; Revistas Eletrônicas versus Revistas Impressas; Planejamento; Editores versus Publicadores Científicos.

Introdução

Atualmente, a construção das coleções de periódicos científicos de bibliotecas universitárias brasileiras defronta-se com a multiplicidade de suportes, seja em papel e/ou eletrônica. Entretanto, isso não significa que o processo de gerenciamento dos acervos de periódicos constitua um momento de necessidade de resolução do dilema entre o papel e o formato eletrônico. É, porém, um momento crucial, porque a biblioteca convencional, organizada a partir de materiais impressos começa a trabalhar com a inclusão de outros suportes, como é o caso dos periódicos digitais. Os novos materiais bibliográficos em formatos eletrônicos têm convivido com os formatos impressos, o que não deixa de provocar profundas alterações nos procedimentos de produção, transmissão e uso do conhecimento e, conseqüentemente requer que as bibliotecas revejam seus procedimentos atuais de gerenciamento.

Assim, essa tendência mundial revela, não apenas o desenvolvimento de coleção de uma biblioteca, mas uma mudança do modelo de comunicação científica ao longo dos últimos 300 anos que interfere diretamente na condução da gestão da biblioteca. Não é, portanto, um momento solitário dos interlocutores que permeiam todo processo de comunicação dos resultados de pesquisa, que envolve desde a produção até a divulgação. Essa revolução eletrônica encaminha a biblioteca para o estabelecimento de uma nova postura gerencial que contempla a leitura do espaço externo evidente na análise e na avaliação do mercado livreiro, composto por editores, publicadores científicos e distribuidores; no entendimento, não mais apenas dos mecanismos de organização dos acervos, mas, particularmente, no conhecimento de recursos de tecnologia da informação, como hardware, periféricos e softwares. Também, neste cenário ainda se insere no plano do ambiente interno, uma comunidade acadêmica distinta e difusa, em decorrência da diversidade de características das diferentes áreas do conhecimento. É sabido que a comunidade acadêmica abarca uma complexidade de interesses, de estrutura de relações e formas de atuações bastante distintas,

entre os conjuntos de grupos das diferentes áreas do conhecimento que coexistem no contexto universitário.

Uma lição inequívoca do passado nos ensina que a comunicação através de revistas acadêmicas envolve um sistema de autores, publicadores, serviços de apoio, bibliotecas, leitores e financiadores. Embora, exista um movimento de articulação entre os diferentes atores que se revela na construção de parcerias, consórcios, compartilhamentos e outras iniciativas, os avanços tem sido modelados pelas ações desses diferentes interesses, destacando-se por um lado, as demandas e os objetivos da academia, onde a biblioteca universitária tem seu papel fundamental. Por outro lado, as editoras comerciais lutam por soluções que mantenham e melhorem os seus lucros e os publicadores científicos batalham por manter a competição com as editoras comerciais, produzindo revistas que na verdade são construídas a partir de seus esforços de pesquisa e de comunicação, com o objetivo de divulgar a sua própria produção científica. Enquanto isso, com a emergência da revista eletrônica cresce entre os autores a idéia de publicarem e “não abrirem mão de seus direitos autorais para os editores, uma vez que esses últimos terão de curvar-se e aceitar a nova situação ou mudar de profissão, pois ela depende do fornecimento de manuscritos por parte dos autores.” (LEVACOV, p.131)

Por último, os esforços dos agentes intermediários (aggregators) para reposicionar os seus produtos diante do crescimento da competição e da sofisticação do mercado editorial, vêm propondo o estabelecimento de fusões, impondo o monopólio de vendas; providenciando os empacotamentos e re-empacotamentos de seus produtos, que, é claro, disponibilizam publicações essenciais à pesquisa e ao ensino, mas, também, agregam outros periódicos que, em princípio, nem sempre interessam a todas as universidades indistintamente. Hoje em dia, os agentes intermediários têm sabido defender e fazer valer seus pontos de vista. Como há uma constante demanda pela padronização, também por parte dos bibliotecários, esses agentes

para manter a competição investem pesadamente em novos e mais modernos softwares para fazer a intermediação entre a biblioteca e as mais variadas informações advindas dos editores e de seus sistemas. Há que se destacar os investimentos de empresas como a SWETS, EBSCO, UMI e OCLC, que investem na estruturação de bases de dados, muitas delas acrescidas de conteúdo (texto completo).

Atualmente, algumas dessas bases de dados de texto completo, distribuídas através de agentes, têm servido, não apenas para o gerenciamento no processo de aquisição, mas particularmente servem a consórcios que optam pelo acesso aos periódicos de texto completo, com a vantagem de uma interface comum a todos os periódicos, dos mais distintos editores.

Nesse novo contexto, o panorama que se impõe ao gestor da informação, a despeito das limitações econômicas crônicas, exige o desenvolvimento de um trabalho extremamente árduo.

Antecedentes

Até a primeira metade da década de 90, a publicação científica periódica era predominantemente impressa em papel. Porém, neste final de século, o periódico eletrônico passa a ser aceito universalmente como um fenômeno inexorável pela maioria dos atores envolvidos no processo de produção e divulgação da revista científica. Se a publicidade do conhecimento produzido, antes do advento da publicação eletrônica, acontecia através da comunicação escrita da cultura tipográfica inserido numa delimitação de tempo e espaço da informação, atualmente, essa forma de comunicação local é insuficiente.

A estrutura das relações entre o fluxo de informação e o público a quem o conhecimento se destina vem se modificando, de maneira vertiginosa. E, não é apenas a introdução do formato eletrônico que traz novos elementos complicadores. Na verdade, a gestação de uma radical mudança no sistema de periódicos tem se intensificado a partir da

década de 1970. A escalada de preços das assinaturas, “mostram que as assinaturas pessoais (em particular) começaram a diminuir; os lucros decresceram; os publicadores aumentaram os preços para as bibliotecas; os leitores passaram a depender mais das suas bibliotecas (e de outras bibliotecas) como fonte de artigos a um custo substancial do seu tempo; as bibliotecas começaram, primeiro, a cancelar duplicatas e, depois, a suspender as assinaturas das revistas caras, mas não freqüentemente consultadas, passando a depender de empréstimo entre bibliotecas e de serviços de comutação bibliográfica para atender à demanda por esses artigos; os serviços de apoio tornaram-se mais importantes como um meio de identificar e localizar os artigos de interesse.” (KING, 177)

O aspecto lamentável em tudo isso é que, enquanto os publicadores enfrentam diminuição de lucros, as bibliotecas pagam mais por um número menor de revistas e suportam custos crescentes para a obtenção de cópias, assim como os usuários consomem mais de seu tempo para obter artigos. O custo total de todo o sistema de revistas parece, de fato, ter aumentado e criado uma situação de perdas constantes a todos os participantes do processo. Está claro que a política de preços vigente para os periódicos é mais barata para o assinante individual, em função do baixíssimo uso, enquanto que os custos de assinaturas institucionais, cresceram assustadora e indistintamente, para as grandes ou pequenas bibliotecas, porque demandam um alto número de leitura, durante sua vida útil. Parece ter-se criado, muito antes da possível contagem automática para as revistas eletrônicas, formas de discriminação de preços baseadas em consultas reais e potenciais.

Nos últimos 20 anos, estima-se que os preços das revistas acadêmicas e científicas norte-americanas aumentaram, em média, de US\$ 39 no ano de 1975 para US\$284 em 1995, sendo que grande parte desse aumento é atribuído ao aumento no tamanho da revista, não só número de páginas, mas também de artigos e à ampliação do número de fascículos. Como resultado, houve uma diminuição no número de assinaturas pessoais, o que fez com que os

publicadores aumentassem os preços das assinaturas institucionais para compensar as perdas financeiras.

No caso dos usuários, percebe-se que os altos custos dos periódicos levaram a um redimensionamento de seus gastos com periódicos. Um estudo de âmbito nacional, realizado pela Universidade de Tennessee, demonstra que em 1977 cerca de 25% das consultas de cientistas de universidades eram realizadas em bibliotecas e na década de 1990 essa consulta salta para 54%. Os cientistas claramente compensam seus custos assinando revistas de preços baixos que lêem com frequência e consultando a biblioteca para ter acesso a revistas caras que lêem ocasionalmente. Por outro lado, as revistas são elaboradas com artigos dirigidos a disciplinas que têm uma abrangência ampla, o que significa que os periódicos que se destinam a pequenas disciplinas terão um círculo reduzido de interessados e, portanto, pequena tiragem. Assim, os artigos de alta qualidade que interessam a um pequeno público estarão perdidos para o processo de publicação.

Como já descrito, esse novo “modelo” arrola uma série de aspectos críticos na evolução e no desenvolvimento da composição da coleção de publicações periódicas em bibliotecas universitárias. A velha coleção de periódicos científicos impressos, renovados anualmente, através de editores, publicadores científicos e distribuidores, não mais se sustenta isoladamente. O trivial levantamento e verificação de preços no Ulrich's, prática corrente entre os bibliotecários, tornou-se incipiente. Novas ferramentas de trabalho surgiram como é o novo instrumento de trabalho fornecido pelos distribuidores e, mesmo as grandes editoras, como é o caso da bases de dados da Editora Elsevier, Academic Press etc. e de distribuidores. A forma de entrega por via marítima é muito lenta para suportar a velocidade do avanço das pesquisas. As leis brasileiras, para aquisição de materiais bibliográficos são obsoletas e muito burocratizadas. O processo de licitação e convite são extremamente lentos e onerosos. O tempo da burocracia para concluir uma compra consome meses num processo

lento e complexo, por intermináveis passagens pelos corredores da burocracia e as várias instâncias da universidade. Todos esses processos são de uma precariedade infinita diante do novo paradigma informacional que se descortina, no suporte à pesquisa e ao ensino nas universidades brasileiras.

A nova perspectiva

A sobrevivência da biblioteca e de suas atividades de apoio ao ensino e à pesquisa dependem de uma postura estratégica do gestor da informação, o que implica na percepção, avaliação e adoção de perspectivas diferenciadas para a administração desse novo sistema. O modelo de biblioteca tradicional, baseado no desenvolvimento e manutenção de coleções de periódicos próprios e locais é uma das possibilidades. Outras formas de contar com os periódicos científicos não podem ser descartadas. Nem, tampouco o compartilhamento e a integração entre bibliotecas, visíveis nas práticas de consórcio, podem estar relegadas a segundo plano. A definição de estratégias combinadas está assentada na percepção das condições de espaço físico, tempo, formato, custo, grau de confiabilidade, tecnologia disponível, recurso humano qualificado e abrangência e profundidade das demandas de informação, por parte dos usuários.

Os estudos de Cox revelam que as vantagens e desvantagens entre a revista eletrônica e a revista eletrônica ainda não são muito claras. Do ponto de vista financeiro, as publicações eletrônicas eliminam papel, impressão, encadernação, armazenagem e custos de distribuição. Entretanto, o novo formato exige altos investimentos de capital em equipamentos, alta tecnologia, recursos humanos qualificados e com novas habilidades para preparar dados para o ambiente eletrônico. Outro aspecto relevante relatado por Cox diz respeito à insegurança do futuro, quanto às formas de divulgação para atingir o cliente. "As despesas de marketing não são óbvias no presente, como os usuários serão identificados e atingidos com informações

sobre os produtos; os próximos anos trarão mudanças nesta percepção de como usarmos a internet como um meio de distribuição da informação.” (COX, p.4)

De qualquer forma, a biblioteca universitária atual não é mais sustentada pelo modelo tradicional. As coleções de periódicos científicos impressos misturam-se com as coleções eletrônicas; o espaço físico restrito se expande para o infinito; o trabalho anteriormente isolado do bibliotecário se propaga para a parceria com fornecedores, com outras bibliotecas e, mais do que nunca com os usuários. Esse usuário universitário, ao mesmo tempo que ele é o produtor do conhecimento, que desencadeia todo o processo de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, pode tornar-se o publicador científico e, simultaneamente utilizar-se dos acervos das bibliotecas.

Em síntese, não se trata disto ou aquilo. Desde o início dos tempos as formas de comunicação coexistem. São os papiros, pergaminhos, impressos, microfílmes, fitas de vídeo e, mais recentemente os meios eletrônicos. Trata-se de entender como a grande quantidade de recursos investidos em coleções periódicas científicas resultam em benefícios na difusão dos resultados de pesquisa no país. Conforme observa Levacov, “faz-se necessário reconhecer que somos todos parceiros, relutantes ou entusiasmados, necessitando adquirir novas habilidades.” (LEVACOV, p.133)

Nessas condições, a utilidade de indicadores para a avaliação das coleções de periódicos em bibliotecas universitárias brasileiras podem transformar-se em ferramentas úteis a serem empregadas com regularidade, de forma a subsidiar as políticas de desenvolvimento de coleções nas instituições de ensino superior do Brasil.

Indicadores para Apoio à Tomada de Decisão

O crescimento exponencial da ciência, com o aumento do número de cientistas, a elevação do custo da pesquisa e a limitação de recursos financeiros para financiar os gastos

em C&T , a partir da década de 1970, desencadearam os processos avaliatórios da pesquisa pública e de sua legitimação frente à sociedade que a mantém. A construção de indicadores para a análise da coleção de periódicos nada mais é do que um reflexo do ambiente macro econômico que aí está. Entretanto, a construção de fórmulas capazes de espelhar uma realidade multifacetada, em que inúmeras variáveis correlacionadas condicionam uma trama complexa de inter-relações é um problema a ser contornado com muita cautela.

Por outro lado, o estudos da coleções de periódicos depositadas nas bibliotecas brasileiras é uma realidade que aí está a exigir providências urgentes. Entretanto, essa nova proposta de avaliação supõe a existência de três vertentes. A primeira vertente apoia-se no estudo da coleção de revistas propriamente dita, a segunda assenta-se na análise da organização universitária e de sua comunidade acadêmica e a terceira está diretamente ligada às parcerias e aos compartilhamentos estabelecidos externamente entre bibliotecas, consubstanciados nos consórcios.

Há três fluxos nesse modelo. O primeiro é o fluxo da revista e de como esse amplo reservatório de conhecimento “alimenta” a comunidade universitária local. Assim, tem-se abaixo uma proposta de análise, elaborada a partir de um Projeto Piloto desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas, sob a coordenação dessa autora. (NASCIMENTO, 1994)

ESFERA INSTITUCIONAL

Uso da coleção (consulta, empréstimo local, empréstimo entre bibliotecas, em período a ser definido);

Opinião da comunidade (grau de importância do título, de acordo com consulta à comunidade, por amostragem);

Análise de custos (preço pago por cada título, com conversão para a moeda americana).

ESFERA NACIONAL

Status do título CCN – Catálogo Coletivo Nacional.

ESFERA INTERNACIONAL

Inclusão do título em fonte de referência (index, abstracts consagrados, nas várias áreas do conhecimento);

Fator de impacto do título (medida de frequência de citação do título, a partir do Journal of Citation Reports – ISI)

É importante estabelecer indicadores médios, balizados pelas especificidades das diferentes áreas do conhecimento, para cada critério empregado. Também, maiores reflexões a respeito dessa metodologia empregada podem ser obtidos em dois textos da autora. (NASCIMENTO, 1994; 1996)

A segunda série de fluxos envolve a estrutura organizacional e as pessoas inseridas nesse contexto. O número de professores, o número de alunos de graduação e de pós-graduação, o número de cursos, o número de linhas de pesquisas consolidadas e emergentes, a produção científica e outras atividades peculiares às atividades de ensino e pesquisa são indicadores que determinam a frequência com a qual eles irão recorrer ao reservatório do conhecimento (periódicos) e a eficácia com a qual irão retirar daí insumos para atividades ulteriores. É óbvio que esses benefícios são indiretos e muito difíceis de serem determinados especificamente. Entretanto, o estudo de Tenopir e King, realizado entre os cientistas norte-americanos, permitem vislumbrar as cadeias de conexões que ocorrem. “De fato, os cientistas que trabalham em universidades atingem a média de leitura de 188 artigos por ano... Os cientistas de universidades usam a informação acadêmica para muitos propósitos: mais de 50% das consultas objetivam a atualização ou o desenvolvimento profissional, 75% visam à pesquisa, 41%, ao ensino e 12% são para fins administrativos e outros. Grande parte da informação é muito importante para o ensino e a pesquisa. Das 188

leituras por cientista, 13 são absolutamente essenciais ao ensino e 23, absolutamente essenciais à pesquisa.” (KING, p.176)

O terceiro fluxo é o que se estabelece a partir das relações extra-muros das universidades, através de propostas de compartilhamento, só possíveis nas práticas de consórcios. Essa nova forma de organização exige novos meios de comunicação e circulação das coleções de revistas e de aprendizado para bibliotecários e pesquisadores, que se manifesta na forma de pesquisa, na forma de novos instrumentos e resultados práticos, alcançados a partir dessas coleções de periódicos impressas e eletrônicas. O corte de duplicatas interinstitucionais de títulos de periódicos é uma das práticas possíveis para “aliviar” os orçamentos das universidades e, ao mesmo tempo fazer valer os princípios do consórcio. Para tanto, a parceria deve estender seus braços a longo prazo para não trazer prejuízos às instituições que efetivar a interrupção da revista em favor das outras universidades partícipes e, vice versa. Portanto, uma vez que os consórcios tornam-se uma realidade nas agendas das bibliotecas, há que se estabelecer critérios que contribuam para definir esse novo rearranjo das coleções no cenário interinstitucional. Não é possível que todos as instituições envolvidas nos consórcios continuem a manter suas coleções intatas.

Considerações Finais

No caso brasileiro, as bibliotecas universitárias brasileiras vivenciam um momento especial. Apesar das crises orçamentárias crônicas que têm sido enfrentadas pelas universidades brasileiras, nossa coleções de periódicos têm sido construídas dentro de alto padrão de qualidade e relevância. Por outro lado, o crescimento rápido das revistas eletrônicas ao lado da necessidade de continuidade das aquisições de publicações em papel, em decorrência da falta de clareza quanto às questões de acesso à internet, desconhecimento do tempo de vida útil do CD-Rom, ingresso recente em projetos de consórcio mais arrojados,

têm agregado sérias dificuldades e limitações a um processo de análise mais abrangente e que inclua indicadores consolidados de avaliação da coleção de periódicos. Apesar desse cenário pouco favorável, o gestor de informação tem que adotar metodologias para avaliar e reajustar constantemente a coleção da biblioteca.

Assim, diferentes perspectivas para o gerenciamento de recursos de informação estão em discussão, frente à imposição do paradigma da sociedade da informação. Tais tendências na biblioteca localizam-se nos aumentos substanciais dos custos dos periódicos científicos, na perda de posse dos materiais armazenados localmente, no uso intensivo dos empréstimos entre bibliotecas e na exploração das redes. De qualquer forma, o crescimento das formas de produção e acesso à informação, em conjunto com o encolhimento dos recursos financeiros, as novas maneiras de atuação do mercado livreiro e o impacto das novas tecnologias, têm tornado as pressões sobre as estruturas das bibliotecas praticamente insuportáveis.

Neste contexto, vale salientar que a interrupção das assinaturas de periódicos impressos pode não significar redução de custos. Marchiori alerta “uma grande parte dos recursos irá para os custos do empréstimo interbibliotecário, outra parte para o acesso bibliográfico, outra parte para o pagamento de royalties, outra para fotocópias, outra para o pagamento de serviços comerciais e outra para o desenvolvimento de mecanismos de busca e disponibilidade de informação cada vez mais rápidos...” (MARCHIORI, P.123)

Uma maneira de melhor entender esse novo cenário reside na constante revisão da coleção de periódicos, objetivando mantê-la atuante e dinâmica, o que exige várias etapas de análise, como já mencionado, e que deve estar ancorado em três vertentes: estudo da coleção, análise da comunidade universitária e avaliação do compartilhamento de coleções, em consórcios.

Apesar da escassez de recursos – historicamente enfrentada pelas universidades brasileiras, cabe, também, menção especial ao esforço de providenciar pagamento antecipado

das assinaturas de periódicos, entre agosto e novembro, do ano anterior à vigência da renovação dos títulos e/ou pacotes de periódicos científicos. Essa medida é fundamental para garantir a integridade das coleções de revistas no Brasil e, para evitar os dissabores de interromper, a cada início de ano, os acessos eletrônicos obtidos conjuntamente com as assinaturas de periódicos impressos.

Por fim, as novas formas de organização do trabalho na biblioteca não acontecem apenas no interior da coleção de periódicos científicos, foco de nosso estudo, mas supõem-se que as bibliotecas possam conter diferentes produtos em locais diversos, compartilhando localmente e extra-muros, materiais impressos com artefatos digitais. Entenda-se artefatos digitais, não apenas os catálogos eletrônicos, conhecidos como OPACs (on line public access catalogues), nem tampouco, apenas, os periódicos eletrônicos, mas a possibilidade que a mídia eletrônica abre de incorporar outras coleções, como os acervos antigos da Biblioteca do Vaticano, as obras de arte do Museu do Louvre e outras obras impressas de domínio público, que não firam os direitos autorais. Toda essa nova organização representa um tremendo desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEXANDER, Adrian, BEST, Ian, FRITSCH, David. The lucky orbit : one subscription agent's approach to collection management reports. *Library Collections, Acquisitions, and Technical Services*, v. 23, n. 2, p. 287-314, 1999.
- BASURTO, Lourdes Feria, SANTILLAN, Maria Gregoria Carvajal, MEDINA, Marco Antonio Jauregui. La biblioteca electronica em Colima-Mexico., *Ci. Inf.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 165-167, maio./ago. 1997.
- COX, John E. The changing economic model of scholarly publishing : uncertainty, complexity, and multimedia serials. *Library Acquisitions: Practice & Theory*, v. 22, n. 2, p. 161-166, Summer 1998. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science?> Acessado em: 21 dez. 1999.
- DIEDRICHS, Carol Pitts. Making choices : vendors and agents in the assessment process. *Library Collections, Acquisitions, and Technical Services*, v. 23, n. 3, p. 321-338, 1999.
- KING, D. W, TENOPIR, Carol. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 176-182, maio./ago. 1998.
- KRZYZANOWSKI, Rosaly Favero, TARUHN, Rosane. Biblioteca eletrônica de revistas científicas internacionais : projeto de consórcio. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 193-197, maio./ago. 1998.
- LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais : (r)evolução?. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 125-135, maio./ago. 1997.
- MCGINNIS, Suzan, KEMP, Jan H. The electronic resources group; using the cross-functional team approach to the challenge of acquiring electronic resources. *Library Acquisitions: Practice & Theory*, v. 22, n. 3, p. 295-301, Autumn 1998. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science?> Acessado em: 21 dez. 1999.

- MARCHIORI, Patricia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual : uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 115-124, maio/ago. 1997.
- NASCIMENTO, M. A. R. & SANTORO, M. I. Consolidação de critérios para avaliação de periódicos em bibliotecas universitárias; projeto piloto em desenvolvimento na UNICAMP. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 17º, Belo Horizonte, 1994. (mimeo)
- NASCIMENTO, M. A. R. Indicadores de avaliação para coleções de periódicos das bibliotecas universitárias brasileiras: reflexões sobre o estudo das revistas do IFCH-UNICAMP. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 9º, Curitiba, 1996.
- ROSETO, Márcia. Os novos materiais bibliográficos e a gestão da informação : livro eletrônico e biblioteca eletrônica na América Latina e Caribe. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 54-64, jan./abr. 1997.